



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Carlile Lanzieri Júnior¹

Ontem e hoje, o porta estandarte Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista e os discursos recentes da direita brasileira

Yesterday and Today, the Standard Bearer
Reflections on the Uses of the Medieval Past, the Bolsonaroist Aesthetics and the
Recent Speeches of the Brazilian Right-Wing

Resumo

Os usos do passado medieval para dar legitimidade a políticos e suas ideologias tornaram-se frequentes na atualidade. Potencializada pelo recente advento das redes sociais, tal prática possui raízes mais profundas e estas atravessam o século XX. Analisar essa questão em diálogo com conceitos como *medievalismo banal* e como ênfase nas variadas narrativas criadas por membros e simpatizantes do atual governo brasileiro é uma das propostas deste artigo que também propõe reflexões acerca do papel do historiador diante deste contexto de manipulação do passado e também diante de seus novos públicos dentro e, sobretudo, fora dos ambientes acadêmicos.

Palavras-chave

Direita brasileira; Idade Média; usos do passado.

Abstract

The uses of the medieval past to give legitimacy to politicians and their ideologies have become frequent nowadays. Empowered by the recent advent of the social networks, such practice has deeper roots and these cross the twentieth century. Analyze this question in dialogue with concepts like *banal medievalism* with emphasis on the varied narratives created by members and supporter of the current Brazilian government is one of the proposals of this article that also proposes reflections about the role of the historian before this context of manipulation of the past and also before their new audiences inside and, especially, outside of academic environments.

Keywords

Brazilian right-wing; Middle Ages; Uses of the Past.

¹ Professor Adjunto C Nível II do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da UFMT. E-mail para contato: <lanzierijunior@uol.com.br>. Membro do *Vivarium* – Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medievo.

Lanzieri Júnior, Carlile
 Ontem e hoje, o porta estandarte
 Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista
 e os discursos recentes da direita brasileira
www.revistarodadafortuna.com

O pensamento histórico fornece, no âmbito de suas potencialidades racionais institucionalizadas como ciência, mais orientações no tempo que os processos concretos da vida prática social conseguem absorver. Como ciência, a história possui também a faceta que Aristóteles chamava de ‘divina’ (na medida em que, para ele, o saber que não é produzido por sua utilidade, mas por si mesmo, faz o homem participar da essência divina) (Jörn Rüsen)

Uma ideologia dá às pessoas a ilusão de entender mais do que de fato entendem (Mark Lilla)

[...] a questão é: como o ideal de veracidade ficou tão enfraquecido, tão estiolado, a ponto de concorrer de modo tão deficiente com o emocionalismo contemporâneo? O que aconteceu com a verdade? (Matthew D’ancona)

1. Antes sólido, há pouco líquido, agora vapor

Há algumas décadas, o filósofo e teórico político inglês Michael Oakeshott (1901-1990) ofereceu seus préstimos ao conhecimento histórico. Nascido na cidade de Chelsfield, sul da Inglaterra, Oakeshott foi um conservador confesso que, desde a juventude, fez oposição aos extremismos políticos basicamente representados em sua época pelo nazismo alemão e o comunismo soviético. De sua obra mais conhecida no Brasil, *Sobre a história e outros ensaios* (2003), extraímos as concepções acerca do que ele definiu como “passado prático” e “passado histórico”. Em linhas gerais, de acordo com Oakeshott, o passado prático seria aquele buscado com o objetivo de atender demandas específicas no presente; por sua vez, o passado histórico seria aquele buscado em função de todo o conhecimento por ele proporcionado, independentemente de suas conexões com o recorte espacial e temporal no qual o pesquisador se encontra. Tal delimitação será uma das balizas conceituais do que aqui pretendemos desenvolver. Vamos às outras.

Na esteira das argumentações de Michael Oakeshott, situamos o historiador francês Henry Rousso, um especialista em II Guerra Mundial (1939-1945) que nos últimos anos se debruçou sobre a trajetória e o significado da *História do Presente*. Sem sombra de dúvida, uma temática inimaginável para historiadores dos séculos XVIII e XIX que entendiam o passado mais distante como o mais confiável e digno de ser pesquisado. De acordo com Rousso (2016, especialmente o capítulo II), as experiências impactantes provocadas pelas duas guerras mundiais e o Holocausto tornaram urgente entre os historiadores e profissionais de

Lanzieri Júnior, Carlile
Ontem e hoje, o porta estandarte
Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista
e os discursos recentes da direita brasileira
www.revistarodaafortuna.com

áreas afins o direcionamento de um olhar para o presente, uma vez que não mais seria possível esperar algumas décadas (ou até mesmo séculos) para se estabelecer as primeiras explicações plausíveis em relação ao que motivou conflitos violentos que deram fim a milhões de vidas e às certezas que regaram a história da Europa por mais de duzentos anos.

Ao lado de Michael Oakeshott e Henry Rousso, acomodamos François Hartog com os seus “regimes de historicidade”. Prestigiado antiquista ligado à velha cepa da historiografia francesa, Hartog buscou compreender como as relações entre o passado, o presente e o futuro se transformaram ao longo da história e por quais razões em algum momento um prevaleceu sobre os demais (Hartog, 2013). Na ótica de Hartog, o regime que vivenciamos na contemporaneidade é absolutamente presentista e se entregou de corpo e alma ao que Hartmut Rosa (2019) e, mais recentemente, Roger Chartier (2019) definiram como “cultura do tempo acelerado”. Tempo acelerado que hoje vem a público como uma das consequências da modernidade líquida que nos consome dia a dia e que se mostra cada vez mais inábil para apontar a direção de um futuro ou de um passado possíveis, mas apenas para um agora fugaz, fragmentado, individualista e refratário a análises profundas. Por fim, um tempo acelerado sem condições de conviver de forma pacífica com a paciência que as Ciências como um todo exigem para o seu devido estabelecimento e funcionamento saudável. Como corolário, tudo isso nos ajuda a compreender com um pouco mais de tessitura os significados das novas conexões que a sociedade coeva estabeleceu com o tempo e as razões que permitiram o crescimento exponencial do ódio a quem produz conhecimento e que costuma não se render a explicações que não se sustentam diante de uma lufada de questionamentos mais incisivos.

Em meados do último século, Marc Bloch (1886-1944), ao escrever acerca do próprio ofício em condições pessoais adversas, asseverava que para os historiadores seria fundamental compreender o presente pelo passado, e o passado pelo presente. Para Bloch, a existência de um se alimenta da existência do outro. E, ainda segundo ele, tal vinculação conceitual deve emergir de nossos debates, “cientistas de diversidade” que somos, como indicativo do quão importante é compreender a produção do referido conhecimento histórico em seu tempo, em seu contexto, em outras palavras, a partir das inúmeras relações de força nele presentes (Bloch, 2001: 54 e 60-68). Lições valiosas de um professor-pesquisador afeito às lutas reais e imaginárias de sua época cujos ensinamentos não sucumbiram, mesmo diante do extremo.

A questão nova que está agora posta sobre as mesas de debates cercadas por historiadores e outros pesquisadores ligados às humanidades e áreas afins é como agir na labuta cotidiana com os que simplesmente ignoram o que dizem as fontes deixadas pelo passado ou que o rejeitam ou o reinventam a partir de ideologias robustecidas por doses consideráveis de algo que a genialidade de Marc Bloch não foi capaz de prever: a pós-verdade e a autoverdade, duas genuínas expressões das incontáveis distopias do nosso tempo. E ambas igualmente conduziram o passado prático de Michael Oakeshott para muito além do que ele propôs e o transformaram em um passado desejável, previsível e agradável.²

² Antes de prosseguir, deixamos aqui uma pequena advertência aos nossos possíveis leitores: para a construção deste artigo, fizemos escolhas e estas dizem muito acerca do momento político que vivemos, dentro e fora do

Lanzieri Júnior, Carlile
 Ontem e hoje, o porta estandarte
 Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista
 e os discursos recentes da direita brasileira
www.revistarodaafortuna.com

De fato, o mundo de hoje não mais vive conflitos de ampla magnitude como os que marcaram a primeira metade do século XX e que tanto afetaram o ofício dos historiadores: alguns estiveram a lutar no *front* de batalha; como prisioneiros, outros perderam a vida nas mãos de seus inimigos. As catástrofes monumentais da era dos extremos parecem cada dia mais distantes de nossas realidades e memórias pessoais. Apenas parecem, pois os fundamentalismos de todo tipo, os integristas, a desobediência em relação às reservas institucionais e o declínio do respeito mútuo nos campos pessoal e político ganharam feições renovadas, melhor, extremas, que desafiam os modelos explicativos até aqui existentes. O sinal de alerta foi ligado mundo afora. Da esquerda à direita, o avanço de políticos e políticas tomados por uma verve religiosa, nacionalista, familista, sexista e anti-intelectual assusta e não apresenta indícios de que tão cedo irá recuar. Ainda que práticas democráticas básicas permaneçam, já não são poucos a repetir o refrão e afirmar que alguma coisa está fora da ordem, fora da nova ordem mundial.

Para além dessas constatações iniciais, as guerras culturais travadas sobretudo em ambiente virtual nos fazem novamente pensar no papel a ser desempenhado pelos historiadores, e pelos medievalistas em específico, diante de seus novos públicos e daqueles que se valem de toda sorte de linguagens visuais para usar e abusar do passado a seu bel prazer. Ainda que existam variáveis contextuais, a História, de um lugar de dúvidas, parece ter se tornado um campo de disputas entre “certezas” que amiúde trazem em si as ideologias políticas de quem as inventa e/ou as defende na torpe esperança de transformar as experiências próprias em universais (Silva, 2015: 61). Pensar a partir de alguns exemplos significativos de ontem e hoje e oferecer alternativas de enfrentamento minimamente plausíveis é o que propomos no presente artigo que parte do princípio de que “Todo abuso da história é uma história irresponsável, mas nem toda história irresponsável é um abuso da história” (De Baets, 2013: p. 24).

2. O porta estandarte ontem

O *III Reich* alemão (1933-1945) foi pródigo na arte de manipular ou mesmo inventar o passado para fincar o seu lugar na história e na memória das pessoas. Sob a batuta de homens como Bernhard Rust (1883-1945) e Heinrich Himmler (1900-1945), respectivamente, ministro da Ciência, Educação e Cultura Nacional e comandante da *SS* (*Shutzstaffel*) e um dos principais mentores do Holocausto, revisionistas e negacionistas atuaram na fabricação de narrativas escritas e visuais que melhor se adequassem à realidade desejada pelos líderes nazistas (Lacoue-Labarthe & Nancy, 2002: 15, 20 e 23). Entre os

Brasil. Nesse sentido, é importante destacar que historicamente “usar o passado” não é algo inerente a homens e grupos de um campo político específico, no caso, a direita. Na verdade, tal procedimento há tempos existe de ambos os lados do espectro político contemporâneo. Como veremos nas páginas subsequentes, se os nazistas representaram Adolf Hitler como um cavaleiro teutônico, os soviéticos trouxeram de volta a figura de Alexandre Nevsky (1221-1263) como um líder revivido que ergueu sua espada e saiu a galopar a frente das tropas que lutariam contra os invasores alemães na II Guerra Mundial. Ficamos neste, mas há numerosos outros exemplos possíveis.

Lanzieri Júnior, Carlile
Ontem e hoje, o porta estandarte
Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista
e os discursos recentes da direita brasileira
www.revistarodadafortuna.com

intelectuais adeptos de tais práticas que serviram ao breve regime alemão, o apagamento de qualquer traço da presença semítica na história desde a Antiguidade foi um “procedimento de pesquisa” amplamente aceito e difundido (Bernal, 2005: 13-31). Portanto, assim como a Medicina, a Química, as Engenharias e as Artes, a História também foi mobilizada para a guerra (Evans, 2016: 361-370; Rousso, 2016: 101). A seguir, analisaremos um exemplo que ilustra esse anseio totalitarista de crer e destruir que usou o passado como bem entendeu.

Entre os diversos símbolos remanescentes do pensamento então reinante entre os alemães está o quadro *O porta estandarte* (*Der Bannerträger*) do pintor austríaco Hubert Lanzinger (1880-1950) – obra que hoje se encontra em exposição no *Centro de História Militar* do Exército dos Estados Unidos (*US Army Center of Military History*), na cidade de Washington (**Imagem 1**). Ao representar o *Führer* Adolf Hitler (1889-1945) com ar imponente e coberto até o pescoço com a armadura de metal reluzente de um cavaleiro da ordem teutônica a segurar com a mão direita a bandeira em vermelho e branco com a suástica do partido nazista ao centro, o autor do referido quadro intentava dar luz ao que deveria se tornar um “monumento relíquia” capaz de readequar o passado e conectá-lo ao presente ao ter como base uma espécie de “ponte suspensa” sobre um “abismo de esquecimentos” (Assmann, 2011: 60). Como resultado desejado, a imposição de uma verdade alternativa cujo objetivo era emocionar seu público cativo (Lacoue-Labarthe & Nancy, 2002: 26). Isso foi feito com o fito de fomentar em quem observava a tela uma espécie de orgulho patriótico retrospectivo diante de uma época supostamente gloriosa resgatada por um presente que se propunha renovador e que prometia ser o início de um futuro igualmente glorioso, enfim, uma nova era (Elliott, 2017b).

Na verdade, a imagem impositiva produzida em cores vivas por Hubert Lanzinger pouco ou nada tem a dizer sobre o passado dos cavaleiros teutônicos ou sobre a própria Alemanha na Idade Média, se é que de fato podemos falar de “uma” Alemanha “na” Idade Média... Pensar o contrário, seria se jogar na vala comum dos anacronismos históricos e consentir se deixar contaminar pelo nacionalismo outrora tão poderoso (Geary, 2005, especialmente o capítulo 1). Muitos foram aqueles que resistiram aos encantos da restauração, mas também muitos foram aqueles que decidiram assim fazer, por medo, ingenuidade ou simples convicção pessoal (Ingrao, 2015, especialmente o capítulo 3; Lilla, 2017: 9-12). Os resultados dessa manipulação, desse *fake* transformado em verdade pela força da maioria emocionada pelo impacto visual de um passado superior supostamente revivido, são mundialmente conhecidos como um dos capítulos mais tristes da história da humanidade.

Lanzieri Júnior, Carlile
Ontem e hoje, o porta estandarte
Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista
e os discursos recentes da direita brasileira
www.revistarodadafortuna.com

Imagem 1



O porta estandarte. Hubert Lanzinger (1880-1950), óleo sobre madeira, c. 1934-1936 (Imagem disponível na *Internet* no endereço eletrônico <<https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,desprezo-de-hitler-pela-democracia-e-um-aviso-para-os-dias-de-hoje,70002470717.amp>>). Acesso em 06 de junho de 2019.

Como afirmamos linhas atrás, o quadro pintado por Hubert Lanzinger é um exemplo significativo que reflete uma ideologia predominante em tempos sombrios e que moldou o passado de acordo com interesses próprios. Mas ele não foi um caso isolado. Ao longo de seus doze anos de existência, o *III Reich* construiu vínculos diversos com o passado medieval, sendo o primeiro o próprio Sacro Império Romano Germânico, que, em linhas gerais, existiu

Lanzieri Júnior, Carlile
 Ontem e hoje, o porta estandarte
 Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista
 e os discursos recentes da direita brasileira
www.revistarodaafortuna.com

entre os séculos X e XIX, e o segundo aquele que surgiu com a unificação política da Alemanha, mais especificamente entre os anos de 1871 e 1918. Esse apreço por um passado idealizado não era inédito entre os alemães, mas ganhou contornos bélicos no período entre guerras no qual praticamente todo o país se viu mergulhado em uma crise econômica sem precedentes.³ Em pouco tempo, os discursos de ódio e agressão contra os supostos responsáveis por tal crise solaparam a ainda frágil democracia alemã e a população passou a não mais enxergar em seus líderes políticos tradicionais posturas e propostas que se mostrassem confiáveis para superar o caos que trazia desemprego em massa e inflação nas alturas, o que arruinava a vida da maior parte da população. Estava ali aberto um terreno fértil para a ascensão política de oportunistas com falas e gestos performáticos e convincentes, mas sobremaneira perigosos.

Quando descoberto pelos soldados aliados, já nos instantes finais da II Guerra Mundial, *O porta-estandarte* de Hubert Lanzinger trazia uma marca de esfaqueamento logo abaixo do olho esquerdo do *Führer* outrora temido e carismático. E assim ele ficou até hoje. Nenhuma ação de restauro sobre o corte foi realizada. O “vandalismo” transformou-se em parte da obra hoje exposta como um troféu de guerra dos norte-americanos que lutaram na Europa. Tal ato indica que, embora o poder de persuasão da inteligência nazifascista fosse reconhecidamente poderoso, havia fissuras pelas quais os insatisfeitos e dissidentes puderam escapar e manifestar seus reais sentimentos.

3. O porta-estandarte hoje

Atualmente, o quadro que um dia recorreu aos tempos e personagens medievais para celebrar o líder máximo do nazismo é uma simples peça de museu. No entanto, sobre ele paira uma importante advertência: as ideias que o permitiram existir ainda estão presentes em nosso cotidiano, seja ele real ou virtual, pessoal ou coletivo (Lilla, 2017: 189). Ainda que pelas vias democráticas, o surgimento e a multiplicação exponencial de políticos com discursos demagógicos que banalizam o mal e louvam o autoritarismo e a violência nos dão essa certeza, infelizmente (Levitsky & Zibblatt, 2018; Runciman, 2018). Certeza esta que também se sustenta nas revigoradas teses de negacionistas que corrompem a memória em prol de pseudoverdades que nos últimos tempos se mostraram capazes até mesmo de negar a existência dos campos de concentração, das câmaras de gás e, conseqüentemente, do próprio Holocausto (Vidal-Naquet, 1988, especialmente o capítulo 1). Assim como fizeram os nazifascistas da primeira metade do século anterior, estes encontraram no passado medieval uma fonte inesgotável de matérias-primas perfeitas para a construção de seus discursos eivados de uma retórica que busca a divisão e o conflito permanentes, o “nós” contra “eles” (Stanley, 2019: 15).

³ É importante destacar que se tais usos do passado medieval não eram uma novidade entre os alemães, também não eram desconhecidos fora do território alemão. Franceses e russos, por exemplo, foram pródigos na arte de exaltar seu passado com o objetivo de legitimar ideologias nacionalistas. Quando a guerra já estava em curso, “trouxeram” esses personagens para o *front* em imagens espalhadas em cartazes e panfletos com o objetivo de dar ânimo às tropas que se espelhavam nos atos desses heróis de outros tempos.

Lanzieri Júnior, Carlile
Ontem e hoje, o porta estandarte
Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista
e os discursos recentes da direita brasileira
www.revistarodadafortuna.com

Imagem 2



Imagem disponível na *Internet* no endereço eletrônico
<<https://knowyourmeme.com/photos/1189764-donald-trump>>. Acesso em 26 de junho de 2019.

Lanzieri Júnior, Carlile
 Ontem e hoje, o porta estandarte
 Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista
 e os discursos recentes da direita brasileira
www.revistarodaafortuna.com

De acordo com Paul Ratner (2019), o recente aumento do número de pessoas que creem ter sido a Idade Média um período de valores morais arraigados nas estruturas sociais de então é algo que chama atenção dos especialistas no período. Grupos religiosos e reacionários da atualidade que não concordam com as transformações e os avanços das sociedades modernas cada vez mais plurais e inclusivas buscam refúgios argumentativos nas histórias e personagens de um tempo que julgam ter sido bem melhor e estável quando comparado a este no qual vivemos. Não por acaso, muito destes defendem o retorno da educação clássica e do emprego das sete artes liberais (*trivium* e *quadrivium*) como formas de se retirar o sistema educacional de seus países da decadência na qual se encontram. Algumas editoras nacionais já perceberam o crescimento deste filão de mercado e passaram a investir em traduções de autores medievais cujos escritos versam sobre temas relacionados aos bons costumes, à moral e à educação, entre eles, Tomás de Aquino (1225-1274), Hugo de São Vítor (1096-1141), Bernardo de Claraval (1090-1153) e Cassiodoro (485-585).⁴ Também há grupos como o *Schola Classica* (<https://www.scholaclassica.com/>), ligada ao *Instituto Hugo de São Vítor* (<https://www.hugodesaovitor.org.br>), que divulgam nas redes sociais e em seus *sites* oficiais as diversas vantagens desse tipo de ensino com elogios pontuais ao projeto *home schooling*.

Tal percepção acerca do passado medieval foi trabalhada durante a bem-sucedida campanha presidencial do magnata do setor imobiliário, Donald Trump, no ano de 2016. Imagens do atual presidente norte-americano a cavalgar um cavalo branco com armas e armaduras semelhantes às de um cavaleiro medieval foram (e ainda são) disseminadas nas redes sociais a sugerir que ele é uma espécie de *pater familias* que fará de tudo pelos seus protegidos na intenção de tornar a América grande novamente (*Make America great again*) – seu lema principal e que está estampado nos bonés, cartazes, bandeiras e camisetas de seus eleitores (**Imagem 2**). Divulgada ao extremo, a imagem belicosa de Trump ainda propõe a ideia de ser ele uma entidade conectada com forças do passado e capaz de blindar com a própria vida os membros de sua imensa prole, ou seja, a nação americana, ou pelo menos a parte que nele confiou seu voto.

Essa conexão com o passado medieval promovida pelos propagandistas trumpistas pode ser explicada de maneiras muito variadas, mas que de uma maneira ou de outra se complementam. Nos últimos tempos, o grande sucesso de jogos eletrônicos e RPG tais como *Dungeons & Dragons* e de filmes e séries de TV de grande apelo popular como *Game of Thrones* da HBO abriu novas possibilidades para que a construção (ou mesmo a invenção) de tal imaginário fizesse sentido para pessoas muito mais conectadas nas redes sociais do que em jornais, revistas e livros (Elliott, 2017, especialmente o capítulo 2; Kline, 2016: 75-88). Portanto, neste caso, as mudanças pelas quais as mídias tradicionais passaram nos últimos anos foram muito bem captadas pelas novas linguagens utilizadas no atual jogo político, muito mais propenso a crer em frases de efeito, vídeos curtos e imagens impactantes

⁴ Dentre elas, podemos citar a *Libertarem*, *É Realizações*, *Kirion* e a *Eclasiae*. Embora essas editoras apresentem excelentes trabalhos de edição e boas traduções de importantes pensadores medievais, algumas até então inéditas na Língua Portuguesa, não podemos negar o fato de que elas também caminham de acordo com as novas demandas do mercado consumidor. Um mercado em parte constituído por gente que piamente acredita que as escolas e as universidades públicas, com seus respectivos professores e alunos, são as responsáveis diretas pelas mazelas de nossa sociedade, e não o seu produto.

Lanzieri Júnior, Carlile
 Ontem e hoje, o porta estandarte
 Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista
 e os discursos recentes da direita brasileira
www.revistarodaafortuna.com

disseminadas na rede mundial que em explicações baseadas em dados complexos envoltos por longos textos cortados por dados estatísticos e longas referências bibliográficas. Mencionada nas páginas iniciais, a cultura do tempo acelerado da modernidade tardia analisada por Hartmut Rosa e Roger Chartier faz aqui todo sentido. Não por acaso, livrarias, jornais e revistas impressas que existiram durante décadas têm encontrado cada vez mais dificuldades para sobreviver e se manter no mercado diante das quedas seguidas no número de leitores, o que impacta diretamente em suas vendas.

A bem da verdade, o que Donald Trump e seus estrategistas de campanha criaram também não é algo inédito entre os norte-americanos. No contexto da participação estadunidense na I Guerra Mundial (1914-1918), por exemplo, filmes como *Cruzados de Pershing* (*Pershing's crusaders*) (vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=J41oLuL75Hg>)⁵ arquitetaram um paralelo entre as ações dos soldados americanos em solo europeu e a antiga Ordem dos Templários criada no século XII. Já no início deste século, logo nos dias seguintes aos ataques terroristas do 11 de setembro de 2001 na cidade de Nova York, o medieval ressurgiu nos discursos de vários políticos e jornalistas norte-americanos: de um lado estavam os islâmicos rotulados como bárbaros terroristas a emergir de um passado medieval arcaico; do outro, estavam os americanos prontos a defender a sua nação e atacar aqueles que a ameaçavam assim como os valores liberais e democráticos do mundo ocidental (Holsinger, 2007). Da mesma forma, referências às cruzadas tornaram-se frequentes nos pronunciamentos do então presidente norte-americano, George W. Bush. Contudo, diferente desses momentos anteriores, Donald Trump e seus estrategistas se valeram de todos os novos recursos tecnológicos permitidos pelas redes sociais e seus algoritmos, ampliando o foco dos ataques para os “novos bárbaros medievais”: os imigrantes latino-americanos que vivem nos Estados Unidos ou que desejam um dia lá viver.

A essas questões, pode ser acrescentado o apelo a sentimentos religiosos presentes nesse tipo de releitura do passado. Apelo que ganha sentido e força quando as pessoas creem que as sociedades nas quais vivem estão corrompidas e que os inimigos responsáveis por isso devem ser combatidos, derrotados e expurgados em benefício da retomada de uma antiga ordem que confiam ser a melhor ou a única possível. Por fim, apelo que também se vale da emoção ao trazer a público a certeza de que um salvador está a caminho para recolocar a nação nos trilhos do progresso. Tais sentimentos estiveram presentes em uma outra campanha presidencial bem-sucedida e que guarda uma série de semelhanças com a de Donald Trump. Dentre elas, o apelo emocionado ao passado medieval, melhor, a um desejável passado medieval.

Abaixo da linha do Equador, Donald Trump tem no ex-deputado federal Jair Bolsonaro um fiel seguidor e aliado desde o primeiro instante, tanto em termos políticos, quanto em termos estéticos. Em diversos *memes* espalhados pela rede mundial de computadores, assim como Trump, Bolsonaro aparece destemido a desfilar sobre o dorso

⁵ A palavra “Pershing” presente no título deste filme é uma alusão a John J. Pershing (1860-1948), general do exército norte-americano que, entre 1917 e 1918, conduziu as tropas de seu país em solo europeu durante a fase final da I Guerra Mundial.

Lanzieri Júnior, Carlile
Ontem e hoje, o porta estandarte
Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista
e os discursos recentes da direita brasileira
www.revistarodadafortuna.com

de um cavalo de guerra com as insígnias normalmente atribuídas aos cavaleiros medievais, dentre estas, a cruz no peito e a espada presa à cintura (**Imagem 3**). Mas por que novamente o cavaleiro? E por que novamente o passado medieval? Vamos a algumas possíveis respostas. A pregressa carreira militar do atual presidente brasileiro seria uma das primeiras explicações. A crença de que os cavaleiros medievais lutaram para defender os fracos e os oprimidos seria uma outra. O próprio imaginário construído pela literatura acerca desses personagens do medievo ao longo dos séculos nos dá mais algumas pistas: homens corajosos capazes de atos de bravura extrema, mas de hábitos simples e valores pessoais inegociáveis. E não podemos ignorar o fato de que tais percepções foram um lugar comum na retórica político-eleitoral em contextos de crise e acirramento político, ontem e hoje, tanto à esquerda quanto à direita.

Imagem 3



Imagem disponível na *Internet* no endereço eletrônico
<<https://www.ocarcara.org/bolsonaro-no-roda-viva/>> Acesso em 29 de junho de 2019.

Os laivos messiânicos presentes na imagem disposta logo acima também merecem um olhar cuidadoso que aponta para o contexto no qual se deram as eleições presidenciais

Lanzieri Júnior, Carlile
 Ontem e hoje, o porta estandarte
 Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista
 e os discursos recentes da direita brasileira
www.revistarodadafortuna.com

no Brasil no segundo semestre de 2018. Em um vídeo divulgado em seu canal no *YouTube* e em outras redes sociais, o pastor evangélico Silas Malafaia, que também é teólogo e psicólogo, buscou na religião e em passagens bíblicas explicações para a eleição do atual presidente brasileiro com cerca de 57 milhões de votos. Apoiador de Bolsonaro desde a primeira hora, Malafaia amiúde profere discursos emocionados pontuados por passagens bíblicas que buscam a todo custo sobrepor a fé à razão, um deles feito na presença do então presidente-eleito. Em suas palavras:

Deus escolheu as coisas loucas para confundir as sábias. Deus escolheu as coisas fracas para confundir as fortes. Agora a coisa vai ser mais profunda: Deus escolheu as coisas vis de pouco valor, as desprezíveis que podem ser descartadas, as que não são e que ninguém dá importância para confundir as que são para que nenhuma carne se vanglorie diante dele. É por isso que Deus te escolheu (vídeo disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=E4E58Wz0XHQ>>).

A repetir palavra por palavra o que está escrito em 1 Coríntios 1, 27-29, o extrato acima foi extraído de um vídeo postado no mês novembro de 2019, ou seja, nos dias seguintes ao término das eleições presidenciais. Nele, com voz embargada, Silas Malafaia pediu bênçãos para Jair Bolsonaro. Diante dele, uma plateia que repetia seus gestos e frases em meio a orações e cânticos de louvor. Entre tantos outros de teor semelhante, o discurso do pastor-teólogo-psicólogo corrobora o que a imagem improvisada ora em análise enfatizou: Bolsonaro é um homem simples escolhido por Deus. Assim como um soldado ou um cavaleiro, ele se sacrificará por uma causa maior (**Imagem 3**). Vitorioso, conduzirá seus seguidores ao paraíso. Denúncias sobre o uso indevido de caixa 2 e doações ilegais durante a vitoriosa campanha de Bolsonaro e de seu partido foram ignoradas por Malafaia, assim como o impulsionamento de notícias falsas nas redes sociais contra seus adversários, especialmente no decorrer do segundo turno das eleições.

O uso devotado de símbolos nacionais, com ênfase na bandeira do Brasil, igualmente salta aos olhos (Stuenkel, 2019). Nada temos contra esses símbolos e tudo o que representam. Na verdade, somos críticos apenas quando estes são manipulados para atizar a emoção alheia e despertar um patriotismo não raro vazio e hipócrita. Por traz desse tipo manipulação, subjaz a real intenção de quem a orienta: escamotear as críticas e divergências necessárias ao bom andamento de um regime democrático. Uma vez mais, o “nós” contra “eles” tão útil às táticas fascistas de convencimento se faz presente a empobrecer e/ou simplesmente impedir qualquer tipo de debate minimamente razoável e civilizado.

Ao lado do guerreiro a galopar seu alazão em terras inóspitas, a imagem do atual presidente do Brasil também foi apresentada como a de um sujeito de hábitos módicos, como alguém próximo, um pai, um tio, um amigo. Enfim, “gente como a gente”, no jargão populista mais comezinho. As *lives* improvisadas divulgadas via *Facebook*, *Twitter*, *Whatsapp* e *Instagram* antes, durante e depois da campanha presidencial de 2018 deram o toque final de humanidade ao homem que também desejava ser visto como uma pessoa de fora, ou melhor,

Lanzieri Júnior, Carlile
Ontem e hoje, o porta estandarte
Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista
e os discursos recentes da direita brasileira
www.revistarodaafortuna.com

um *outsider* contrário às práticas do sistema político brasileiro. Fazendo novamente uso do atual jargão populista: um indivíduo contrário à “velha política”, embora faça parte dela há três décadas e nela tenha iniciado os três filhos mais velhos (Almeida, 2018). E esta abnegação do cavaleiro valoroso que defende a todo custo os fracos e os oprimidos não se opõe à imagem do homem simples do povo. Na verdade, elas se conectam e transmitem com sucesso a mensagem desejada sob um estratégico e providencial verniz religioso.

Ainda no que se refere aos usos de símbolos nacionais, algo que igualmente chama atenção na terceira imagem trabalhada é a presença da bandeira do período imperial. De acordo com Paulo Pachá (2019), um dos pioneiros nessa temática de pesquisa em terras brasileiras, trata-se de uma elaborada estratégia cuja proposta é conectar a figura de Jair Bolsonaro e as forças políticas que ele representa ao passado português e, conseqüentemente, com a história medieval. A bem da verdade, uma história medieval bem específica, senão idealizada, desejável. Para canais de comunicação com milhões de seguidores no *YouTube* como *Brasil Paralelo* (<https://www.brasilparalelo.com.br/regime-militar/>) e *Terça Livre* (<https://www.tercalivre.com.br/>), que há algum tempo reúnem bolsonaristas das mais diferentes idades e formações, o ocidente possui uma cultura constituída por três pilares, a saber: a filosofia grega, o direito romano e o cristianismo. Assim, de acordo com esse viés interpretativo, Portugal é mostrado como uma espécie de bastião final de toda essa tradição multissecular que se desenvolveu a combater todo tipo de ameaças externas, sobretudo a islâmica. No enredo de tais narrativas, o Brasil é transformado em uma espécie de herdeiro legítimo dessas longevas tradições que estariam uma vez mais sob forte ameaça oriundas de novas forças bárbaras estranhas a elas. Assim, vista por esse ângulo, a figura do cavaleiro pronto para a luta faz ainda mais sentido.

Ao fim e ao cabo, se na primeira metade do século passado a historiografia brasileira costumava amaldiçoar a herança ibérico-portuguesa descrita como a responsável pelas mazelas políticas e o atraso econômico de nosso país (Bastos & Rust, 2008: 169-172), esta foi recentemente retomada, porém, a partir de uma explícita abordagem político-ideológica que apaga em suas considerações a diversidade étnica de nossa população em prol de um novo embranquecimento social que toma como base um passado europeu branco, judaico e cristão, quando, na contramão de tudo isso, os novos estudos de vertente globalista apontam para a necessidade de se compreender a história da Europa para além dos exclusivismos nacionalistas de outrora e que pouco fazem sentido frente às demandas da atualidade (entre outros, cf. Conrad, 2016 e Frank, 1998). E nesse oceano de fatos alternativos e verdades confortáveis e desejáveis, parece que os atuais saudosistas do período militar se esqueceram de que foram os militares que estiveram na linha de frente do processo que culminou na derrubada da monarquia no Brasil (Schwarcz, 2019). Bem, quem simplifica o passado produz equívocos dessa magnitude. Resta saber se isso realmente os preocupa.

Entre os três casos apresentados, embora oriundos de contextos sobremaneira diferentes, há algumas semelhanças interessantes. Nos três, o *dispositivo de banalidade* proposto por Milton Mullet Pereira (2019) [ou *medievalismo banal*, como propôs Andrew Elliott (2017a)], será o nosso fio condutor. Como é possível observar, em nenhum momento há um compromisso sério com o conhecimento histórico e os princípios éticos e científicos que o regem, apenas o anseio por transmitir uma imagem de forma rápida e objetiva a uma legião

Lanzieri Júnior, Carlile
 Ontem e hoje, o porta estandarte
 Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista
 e os discursos recentes da direita brasileira
www.revistarodadafortuna.com

de seguidores-eleitores. Conhecimento confundido com opinião. Neste sentido, o imaginário cavaleiresco quixotesco marcado pela entrega e apego a questões éticas tão bem construído pela literatura ao longo dos últimos séculos (Almeida, 2010: 11-14) se encaixa como uma luva nas mãos dos que se valem de tal linguagem, sobretudo para os que creem que a civilização judaico-cristã de fato existe e está em perigo, assim como esteve há novecentos anos. Com a desculpa de que não precisam de intermediários para se comunicar com a população e que a mídia e os acadêmicos têm pretensões manipuladoras, os que pensam e agem assim mergulharam no universo das *fake news* que passaram a ser perigosamente tratadas pelos usuários das redes como verdades comprovadas, mas até então não reveladas (D'ancona, 2018: 14-15, 19 e 34).

Embora hoje criticada, a retórica do choque de civilizações (*clash of civilizations*) proposta há algumas décadas por Samuel Huntington (1927-2008) (2010) foi recentemente retomada pelo já mencionado Andrew Elliott (2017a, especialmente o capítulo 4) em seus estudos acerca das relações entre medievalismo, política e as mídias de massa na contemporaneidade. Ao ressignificar a teoria de Huntington e contornar alguns de seus equívocos generalistas, Elliott foi taxativo ao assegurar que a *Internet* e as redes sociais deram impulso antes inimaginado aos usos do passado que, entre outros temas, busca reviver as disputas ente o oriente e o ocidente. O viés ideológico imiscuído nesses usos reforça simplificações e teorias sem respaldo algum na intenção de se abrir uma cortina de fumaça sobre os debates históricos baseados em leitura e análise rigorosa das evidências à disposição. Uma vez mais, os aludidos *dispositivo de banalidade* e *medievalismo banal* fazem todo sentido. Certamente Hubert Lanzinger e seus asseclas invejariam os recursos hoje disponíveis para a disseminação das ideias desejadas.

A retomada da teoria do choque de civilizações de Samuel Huntington nos discursos extremistas encontrou na história das cruzadas um de seus referenciais mais importantes. Assim, as imagens de políticos vestidos com armaduras, espadas, escudos e cotas de malhas a cavalgar garbosos alazões voltou revigorada, o que é possível observar nas imagens 2 e 3 dispostas nas páginas precedentes. Já na Inglaterra, por exemplo, a *English Defense League* (EDL) (Liga da Defesa Inglesa), grupo de extrema-direita criado em 2009 e que atua contra a presença islâmica e latino-americana no que consideram ser o seu legítimo território, se vale de imagens de cavaleiros que supostamente vieram do passado para defender a ilha e seus habitantes dos novos invasores. Para os membros desse grupo, homens jovens e brancos em sua maioria, a Idade Média serve como parâmetro identitário que lhes permite a edificação de uma comunidade imaginada da qual poucos teriam o direito histórico de participar (Elliott, 2017a: 155-182).

De volta ao Brasil. De acordo com Ernesto Araújo, Ministro das Relações Exteriores do atual governo brasileiro e um seguidor confesso do ideólogo Olavo de Carvalho, Jair Bolsonaro e Donald Trump serão os responsáveis por livrar a civilização ocidental dos perigos constantes que a cercam (Arias, 2019). Mais recentemente, Roberto Alvim, novo diretor do *Centro de Artes Cênicas da Fundação Nacional das Artes* (FUNARTE), seguiu a mesma linha de raciocínio do ministro Araújo ao dar a seguinte declaração no dia 21 de julho de 2019 em sua conta no *Twitter*: “Sim. Trata-se de uma luta similar às Cruzadas. Assim como os guerreiros cristãos do passado, estamos combatendo em prol de nossa civilização judaico-

Lanzieri Júnior, Carlile
 Ontem e hoje, o porta estandarte
 Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista
 e os discursos recentes da direita brasileira
www.revistarodaafortuna.com

cristã, e contra a sua destruição pelas forças progressistas”. O discurso em tom belicoso de Alvim, outro seguidor de Carvalho, uma vez mais valeu-se da retórica emocionalista da guerra e do espírito corporativo dos combatentes como argumentos centrais.⁶

Em se tratando da estética bolsonarista por nós até aqui analisada, o apelo cruzadístico presente nas palavras de Ernesto Araújo e Roberto Alvim é absolutamente coerente. Ainda em 31 de dezembro de 2018, poucas horas antes da posse de Jair Bolsonaro, o analista político e hoje assessor da presidência da república, Filipe Garcia Martins, escreveu a seguinte mensagem em sua conta no *Twitter*: “A nova era chegou. É tudo nosso. Deus vult” (cf. <<https://twitter.com/filgmartin/status/1079923922760540160?lang=pt>>). Com ligeiras modificações, Garcia utilizou uma frase atribuída a Urbano II (1042-1099), o papa responsável pela convocação da Primeira Cruzada à Terra Santa, em um concílio da Igreja realizado na cidade de Clermond, no ano de 1095. Hoje estampada em centenas de *memes*, a frase de Urbano II diz muito acerca da referida estética belicista que recorre às cruzadas no medievo para favorecer a crença em um conflito eminente para o qual as pessoas devem se preparar, algo que se tornou o combustível que mantém ainda hoje vivas as tensões que marcaram a campanha presidencial.

Como é possível observar, o fato de a “civilização judaico-cristã” ser uma abstração, ou uma “comunidade imaginada”, como propôs Benedict Anderson (1936-2015) (2008), não foi levado em consideração pelo ministro Ernesto Araújo, por Roberto Alvim e menos ainda por Filipe Garcia Martins. E os três parecem ignorar as pluralidades culturais que se escondem sob tal expressão. Na verdade, como mencionado em parágrafos precedentes, os que pensam e agem como Araújo, Alvim e Garcia estão a lidar com uma invenção que não leva em consideração uma série de especificidades e contradições na trajetória da humanidade ao longo dos últimos séculos. Ademais, tal recurso retórico do “nós contra eles” imiscuído nas falas desses três membros do alto escalão da administração pública brasileira é típico de governos e governantes que apelam para o confronto para impor agendas políticas, sociais e econômicas aceitas por populações que se julgam acoçadas pelo novo medo dos bárbaros.

Já em meados de agosto de 2019, Luciano Bivar, presidente do PSL (Partido Social Liberal), sigla partidária pela qual Jair Bolsonaro foi eleito, afirmou que a polêmica indicação do deputado federal por São Paulo também pelo PSL, Eduardo Bolsonaro, para ser o embaixador brasileiro nos Estados Unidos corresponde ao que os reis faziam na Idade Média: entregavam os filhos ou as filhas em casamento como forma de selar algum acordo político. Bivar utilizou como exemplo o casamento entre Catarina de Aragão (1485-1536), filha do rei da Espanha, e Henrique VIII (1491-1547), rei da Inglaterra. Em suas palavras:

Catarina de Aragão era filha do rei Filipe, foi casada com Henrique VIII para fazer uma aproximação entre Espanha e Inglaterra. Isso faz parte, é um contexto. Antropologicamente nós somos os mesmos, do mundo da

⁶ Disponível em <https://exame.abril.com.br/brasil/governo-bolsonaro-lanca-cruzada-contra-progressismocultural/?fbclid=IwAR0VPg2OvSGtfSM3TPRGV7uIXq2dh3lM_VkOAsO_BEgUEWY6j1f-BnkcUjI>. Acesso em 20 de outubro de 2019.

Lanzieri Júnior, Carlile
Ontem e hoje, o porta estandarte
Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista
e os discursos recentes da direita brasileira
www.revistarodaafortuna.com

pedra até hoje, então essa sinalização do Brasil em relação aos Estados Unidos é uma relação de muita proximidade (Portinari, 2019).

Ao que tudo indica, Luciano Bivar, que foi candidato a presidente da república em pleitos eleitorais anteriores, ignorou as nuances do tempo (“somos os mesmos, do mundo da pedra até hoje”) e se esqueceu de mencionar que vivemos em uma democracia dividida por três poderes distintos e independentes (executivo, legislativo e judiciário) na qual o presidente não é um rei centralizador, absoluto e patrimonialista cujas decisões acerca de alguma questão caibam única e exclusivamente a ele. Afirmarões desta natureza são comuns em contextos de ânimos acirrados por crises econômicas profundas e prolongadas como a que vivemos há seis anos. O surgimento (ou a simples invenção) de inimigos encontra em tais referências um campo fértil para disseminar medos para os quais esses homens se oferecem como os únicos em condições de enfrentar. Como abnegados que arriscam as próprias vidas para defender suas respectivas nações contra hordas inimigas que apenas desejam invadir e destruir. No Brasil, na ausência de grandes levas migratórias oriundas de outros países, as minorias sociais fazem as vezes destes bárbaros. Desta forma, esse desejável retorno aos valores e práticas exemplares do medievo soa como uma perigosa apologia a uma ordem perfeita que reivindica para si certezas e purezas de todo tipo, sobretudo as de natureza étnica (Almeida, 2017: 94-95), algo que pode ser transformar em uma terrível catástrofe.

Ainda que em níveis variados, todas as interpretações aqui apresentadas se conectam, uma não existe isolada da outra. Contudo, nenhuma se sobrepõe ao fato de que o presidente Jair Bolsonaro e seus seguidores precisam se inserir em alguma tradição que lhes dê um mínimo de legitimidade, mesmo que para isso tenham que inventá-la. Uma tradição inventada que possui o poder de dobrar o tempo a misturar militares, monarquistas, anti-intelectuais e negacionistas de todo tipo que demonstram não se importar com o conhecimento, sobretudo quando este desafia certezas sedimentadas. Nos casos acima citados, em nenhum momento foi o passado histórico que veio à tona, mas adaptações forçadas feitas a partir de alguns de seus fragmentos (Altares, 2019). Por fim, adaptações forçadas que possuem a capacidade de seduzir mentes pervertidas como as de Brenton Tarrant e Anders Behring Breivik, respectivamente, os responsáveis pelos assassinatos em massa na cidade de Christchurch, na Nova Zelândia, e na ilha de Utoya, na Noruega (Palmer, 2019). Mas estas já são outras histórias sobre as quais falaremos em ocasião oportuna.

Não há uma História perfeita, única ou definitiva, mas Histórias plausíveis construídas de forma crítica e consciente. Entretanto, em tempos dominados por crises prolongadas e incertezas enraizadas que alimentam ódios extremistas e integristas doentios, tais premissas costumam perder espaço. Como consequência, acirram-se as disputas pelo passado. Em contextos assim, é absolutamente normal a emergência de grupos que enxergam no passado medieval o repositório das respostas não mais encontradas nos modelos de sociedade até então vigentes. Tal reação também não é exatamente uma novidade do mundo contemporâneo. Ainda no início do século XX, por exemplo, no período pós-primeira guerra, homens ligados à Igreja católica escreveram na esperança de se mostrar às sociedades de então como alternativas seguras às incertezas deixadas por mais de um século de

Lanzieri Júnior, Carlile
Ontem e hoje, o porta estandarte
Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista
e os discursos recentes da direita brasileira
www.revistarodadafortuna.com

revoluções liberais. Ainda que em níveis e por motivos variados, vemos um movimento semelhante novamente emergir. Como mencionado em páginas anteriores, um de seus focos é justamente a educação. Não por acaso, as sete artes liberais e mestres dos séculos XI, XII e XIII têm suas palavras reavivadas como se fossem os detentores para todo sempre de uma pedagogia inquestionavelmente eficaz e que merece ser retomada nos dias de hoje. Há tempos pesquisamos as especificidades de tal pedagogia, todavia, acreditamos e defendemos que ela deve ser reconhecida e estudada em favor de uma educação humanista contrária aos tecnicismos do mundo contemporâneo. Uma vez mais: pensar de outra forma seria corroborar com teses anacrônicas que simplesmente desconhecem os reais problemas de nosso sistema educacional.

Considerações Finais

No último verso do poema “Museu da Inconfidência”, o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) escreveu: “Toda história é remorso”.⁷ Sim, a História é remorso porque ela não é simples, porque ela não é linear e previsível. Também é remorso porque nos faz parar e pensar, porque nos faz ver e rever certezas e verdades até então consolidadas nos lugares mais recônditos de nossas almas. As palavras de Drummond são a antítese perfeita dos que se locupletam ao usar o passado ao sabor de suas ideologias, de seus desejos. Para estes o remorso não existe, pois não há o pensar, o ver e o rever, apenas a demagogia dos que confiam saber mais do que de fato sabem e enxergam nas universidades e em todos aqueles que ousam erguer a mão e questionar alvos a serem eliminados, não importa como.

Se Carlos Drummond de Andrade ainda estivesse entre nós, certamente estaria a escrever versos breves e profundos a respeito da era das incertezas na qual entramos segunda década do século XXI. Sem rodeios, afirmaria que estamos a sofrer uma derrota fragorosa nos embates contra os ativistas supremacistas que cavalgam a empunhar suas espadas virtuais e jogam cada vez mais duro quando o objetivo é instrumentalizar o passado para legitimar seu rosário ideológico. A razão complexa exige tempo, tempo este que o emocionalismo simples e direto que os adoradores da pós-verdade não precisam ter. Na verdade, recusam-se a ter. Escolher novas táticas de combate é absolutamente necessário. E estas podem estar no uso das novas linguagens que as novas mídias estão a oferecer. Como alternativa complementar, uma aproximação com a História Pública que traz a prosclênio demandas temáticas e metodologias que nem sempre estão dispostas nas páginas dos artigos, dissertações e teses acadêmicas que ano a ano escrevemos e ensinamos alguns outros abnegados a escrever.

⁷ Por uma dessas coincidências comuns à vida de quem diuturnamente pesquisa e busca diferentes fontes de inspiração para escrever, descobrimos que em seu livro *Sobre o autoritarismo brasileiro* (2019), Lília Moritz Schwarcz utilizou os mesmos versos do poema de Carlos Drummond de Andrade como epígrafe para o capítulo final da referida obra.

Lanzieri Júnior, Carlile
 Ontem e hoje, o porta estandarte
 Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista
 e os discursos recentes da direita brasileira
www.revistarodadafortuna.com

Por último, mas não menos importante: por mais distante que seja o passado no qual mergulhamos em nossas pesquisas, as questões a ele apresentadas são sempre mediadas pelas experiências vividas no presente. Com efeito, escrever este artigo nos fez (e por certo ainda faz e fará) confiar que, na condição de historiadores (professores, pesquisadores e humanistas), não podemos permanecer inertes diante das questões próprias de nosso tempo. Infelizmente, como observamos, questões igualmente abertas aos que manipulam o passado, inclusive outros historiadores. Como estes são muitos e dispostos a tudo, também será necessário um trabalho diuturno feito a partir de novas linguagens e abordagens que se mostrem eficientes no diálogo com os pares, mas sobretudo na formação de novos professores-pesquisadores em condições de atuar cada vez mais conectados com o admirável mundo novo que existe para além dos muros da academia.

Bibliografia

Almeida, F. P. M. de. Cristologia cristofascista de Bolsonaro. Disponível em <<https://fazendomedia.org/cristologia-cristofacista-de-bolsonaro/>>. Acesso em 28 de julho 2019.

Almeida, M. R. Para especialistas, Bolsonaro adota visual simples como tática. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/para-especialistas-bolsonaro-adota-visual-simples-como-tatica.shtml>>. Acesso em 30 de dezembro de 2018.

Almeida, N. de B. A cavalaria: nova leitura para um tema fundamental. In: Barthélemy, D. *A cavalaria: da Germânia antiga à França do século XII*. Campinas: Unicampi, 2010, pp. 11-14.

Almeida, N. de B. (2017). Um destino em crise: a inserção social dos estudos de História Medieval. *Revista Chilena de Estudos Medievais*, 11, jan-jun., 92-114.

Altares, G. A raivosa atualidade da Idade Média: ultradireita procura no passado remoto justificativa para suas políticas atuais. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/19/internacional/1563535022_261422.html>. Acesso em 27 de julho de 2019.

Anderson, B. (2008). *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia. das Letras.

Arias, J. O deus medieval que Trump e Bolsonaro tentam desenterrar. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/17/opinion/1542484079_447948.html>. Acesso em 23 de setembro de 2019.

Assmann, A. (2011). *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Unicamp.

Lanzieri Júnior, Carlile
 Ontem e hoje, o porta estandarte
 Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista
 e os discursos recentes da direita brasileira
www.revistarodadafortuna.com

Bastos, M. J. da M. & rust, L. D. (2009). *Translatio studii*: a história medieval no Brasil. *Signum*: revista da ABREM – Associação Brasileira de Estudos Medievais, Rio de Janeiro / São Paulo, 10, 163-188.

Bloch, M. (2001). *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Chartier, R. (2019). Usos do passado e conhecimento histórico. Conferência de Abertura do 30º *Simpósio Nacional de História – História e o futuro da educação no Brasil*, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Conrad, S. (2016). *What is global history?* New Jersey/Oxford: Princeton.

D'ancona, M. (2018). *Pós-verdade: a nova Guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Barueri: Fato Editorial.

De Baets, A. (2013). Uma teoria do abuso da história. *Revista Brasileira de História*, 33, 65, 17-60.

Elliott, A. B. R. (2017a). *Medievalism, politics and mass media: appropriating the Middle Ages in the twenty-first century*. Cambridge: D. S. Brewer.

Elliott, A. B. R. *A vile love affair: right wing nationalism and the Middle Ages*. Disponível em <<http://www.publicmedievalist.com/vile-love-affair/>>. Acesso em 26 de junho de 2017b.

Evans, R. (2016). *Terceiro Reich no poder: o relato mais completo e fascinante do regime nazista entre 1933 e 1939*. 3. ed. São Paulo: Crítica.

Frank, A. G. (1998). *ReOrient: global economy in the Asian Age*. Berkeley / Los Angeles / London: University of California.

Geary, P. J. (2013) *O mito das nações: a invenção do nacionalismo*. São Paulo: Conrad, 2005.

Hartog, F. *Regimes de Historicidade: presenteísmo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica.

Holsinger, B. (2007). *Neomedievalism, neoconservatism, and the war on terror*. Chicago: Prickly Paradigm Press.

Huntington, S. (2010). *O choque de civilizações: e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Ingrao, C. (2015). *Crer e destruir: os intelectuais na máquina de guerra da SS nazista*. Rio de Janeiro: Zahar.

Keyes, R. (2018). *A era da pós-verdade: desonestidade e enganação na vida contemporânea*. Petrópolis: Vozes.

Lanzieri Júnior, Carlile
 Ontem e hoje, o porta estandarte
 Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista
 e os discursos recentes da direita brasileira
www.revistarodaafortuna.com

Kline, D. T. Participatory medievalism, role-playing, and digital games. In: d'arcens, L. (ed.). *The Cambridge companion to medievalism* (pp. 75-88). Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

Lacoue-labarthe, P. & Nancy, J-L. (2002). *O mito nazista*. São Paulo: Iluminuras.

Levitsky, S. & Ziblatt, D. (2018). *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lilla, M. (2017). *A mente imprudente: os intelectuais na atividade política*. Rio de Janeiro / São Paulo: Record.

Oakeshott, M. (2003). *Sobre a História e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks.

Pachá, P. H. Por que a extrema direita brasileira ama a Idade Média europeia? Disponível em <<https://www.viomundo.com.br/politica/paulo-pacha-por-que-a-extrema-direita-brasileira-ama-a-idade-media-europeia.html>>. Acesso em 31 de julho de 2019.

Palmer, J. T. The fake History that fueled the accused Christchurch shooter. Disponível em <https://www.washingtonpost.com/outlook/2019/03/18/fake-history-that-fueled-accused-christchurch-shooter/?noredirect=on&utm_term=.17bc51bacf72>. Acesso em 27 de julho de 2019.

Portinari, N. Presidente do PSL cita reis da Idade Média ao justificar Eduardo em embaixada nos EUA. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/presidente-do-psl-cita-reis-da-idade-media-ao-justificar-eduardo-em-embaixada-nos-eua-23874274?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=O%20Globo>. Acesso em 13 de agosto de 2019.

Ratner, P. Why Some Conservative Thinkers Seriously Want the Return of the Middle Ages. Disponível em <<https://bigthink.com/paul-ratner/time-to-get-medieval-why-some-conservative-thinkers-love-the-middle-ages>>. Acesso em 23 de julho de 2019.

Rosa, H. (2019). *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade*. São Paulo: Unesp.

Rouso, H. (2016). *A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. Rio de Janeiro: FGV.

Runciman, D. (2018). *Como a democracia chega ao fim*. São Paulo: Todavia.

Rüsen, J. (2010). *Razão histórica - Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UnB.

Silva, R. (2015). *Lugar de dúvidas: sobre a prática da análise histórica – brevíário de inseguranças*. Belo Horizonte: Autêntica.

Lanzieri Júnior, Carlile
Ontem e hoje, o porta estandarte
Reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista
e os discursos recentes da direita brasileira
www.revistarodadafortuna.com

Schwarcz, L. M. Palestra de lançamento do livro *Sobre o autoritarismo brasileiro* realizada em 12 de agosto de 2019 na Universidade Federal de Mato Grosso (Campus Cuiabá).

Schwarcz, L. M. (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Cia. das Letras.

Stanley, J. (2019). *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”*. 2. ed. Porto Alegre: L&PM.

Stuenkel, O. É preciso resgatar da extrema direita os símbolos nacionais. Disponível em <https://brasil.elepaiz.com/brasil/2019/06/12/opinion/1560348817_282472.html>. Acesso em 20 de setembro de 2019.

Vidal-Naquet, P. (1988). *Os assassinos da memória*. Campinas: Papyrus.

Recebido em: 15 de novembro de 2019

Aprovado em: 08 de março de 2020